

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical
Evgeny Makhtin violino

15 dez 2023 · 21:00 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Johannes Brahms

Abertura Trágica, op. 81 (1880; c.14min)

Max Bruch

Concerto para violino n.º 1, em Sol menor, op. 26 (1866, rev.1867; c.25min)

1. Prelúdio: Allegro moderato —
2. Adagio
3. Finale: Allegro energico

2ª PARTE

Max Reger

Prólogo sinfónico para uma tragédia, op. 108 (1908; c.35min)

Johannes Brahms

HAMBURGO, 1833 – VIENA, 1897

Abertura Trágica, op. 81

Johannes Brahms desenvolveu um estilo musical firmemente arreigado nos modelos e técnicas composicionais barrocos e clássicos, herança que aliou a idiomas folclóricos e de dança coevos, bem como a uma sensibilidade romântica própria, numa abordagem sempre diligente e perfeccionista ao processo criativo. O seu temperamento intensamente autocrítico manifestava-se em particular na sua relação com a música orquestral e de câmara, domínios em que durante muito tempo viveu intimidado pela sombra de Beethoven, o paradigma que ansiava emular. As suas pretensões sinfónicas parecem ter sido estimuladas (e inibidas) ainda mais em 1853, com o artigo encomiástico em que Schumann o apresentava como o real sucessor de Beethoven. De facto, vários anos passariam até que o compositor sentisse realmente confiança para abordar o género sinfónico.

Em 1880, já com duas sinfonias inseridas no seu catálogo, Brahms desfrutava de uma notoriedade pública crescente, tendo sido distinguido com o grau honorário de Doutor em Filosofia pela Universidade de Breslau. Nesse Verão, passado na elegante estância termal de Bad Ischl — era comum passar as férias dedicado à composição em refúgios bucólicos no interior da Áustria —, compunha, em jeito de agradecimento por essa distinção, a *Abertura para um festival académico*, op. 80, uma obra alegre que, como tantas vezes sucedeu ao longo da carreira do compositor, foi trabalhada em simultâneo com o seu contrapeço emocional, neste caso a *Abertura Trágica*, op. 81. Sabe-se que, por essa altura, Brahms

foi contactado no sentido de escrever música de cena para uma apresentação do *Fausto* de Goethe no Burgtheater de Viena, e especula-se que essa encomenda possa ter constituído o estímulo inicial para um comentário musical sobre a tragédia na vida humana. Mas essa colaboração nunca se concretizaria, e também é possível que a peça tenha sido concebida simplesmente como uma antítese emocional do seu par festivo. Trata-se de uma obra que parte muito claramente de precedentes beethovenianos, designadamente das aberturas *Coriolano* e *Egmont* do ídolo de Brahms, bem como do modelo da abertura *Manfred*, do seu mentor Schumann. A sua estreia teve lugar em Viena, a 20 de Dezembro de 1880, com a Orquestra Filarmónica de Viena sob a direcção de Hans Richter, obtendo reacções mistas da parte do público.

Concebida de acordo com a forma sonata, a *Abertura Trágica*, em Ré menor, inicia-se com dois acordes pesados e dramáticos da orquestra prefaciando a enunciação do solene tema principal pelas cordas, às quais se junta o *tutti*. Esta ideia é longamente elaborada, e a transição é operada numa passagem em que se destacam o oboé e os metais. Agora em Fá maior, surge nos violinos uma melodia expressiva, tipicamente brahmsiana, e pouco depois é apresentado ainda um terceiro tema, de cariz mais heróico. Uma evocação dos acordes iniciais em *fortissimo* lança a secção de desenvolvimento, a qual, abandonando a veia enérgica da exposição, surpreende por adoptar o carácter de uma marcha comovente e trágica, em andamento mais moderado, em que Brahms não deixa de exibir as suas habilidades contrapontísticas. A parte que se segue, mais uma vez ao contrário do que seria expectável, não se limita a reproduzir na tonalidade principal os temas apresentados na

exposição, contendo algumas alterações criativas relevantes. Anunciada por uma citação do tema inicial, numa variante mais calorosa e luminosa proferida pelas trompas e trombones, esta reexposição começa directamente com o segundo tema, em Ré maior, sucedido, após breve elaboração, pela terceira ideia mais determinada. Uma passagem de instabilidade rítmica conduz finalmente a uma recuperação enfática do primeiro tema, reconhecido desde logo pelos referidos acordes, o que afinal vem abrir caminho a um avanço tumultuoso até ao final. O processo ainda é interrompido, por momentos, com uma passagem mais tranquila nos sopros, mas a reflexão logo cede o lugar à intensidade dramática com que a obra encerra.

Max Bruch

COLÓNIA, 1838 – FRIEDENAU, 1920

Concerto para violino n.º 1, em Sol menor, op. 26

Max Bruch foi uma figura bastante respeitada na cena musical alemã do seu tempo, não só como compositor, mas também enquanto director de orquestra — função que exerceu com sucesso em várias cidades da Europa — e pedagogo — sobretudo após o seu estabelecimento em Berlim no final da vida. Do seu interesse pela composição, que remonta à infância, resultou uma actividade criativa muito abundante. O catálogo da sua obra, que inclui uma produção bastante variada e em grande parte subestimada e esquecida pelas gerações posteriores, é testemunho da adesão a um gosto romântico típico de meados do século XIX, na linha conservadora que se localiza entre Mendelssohn e Brahms, e a sua música contém complexidades a vários níveis, de acordo com

a linguagem em que se enquadrava, mas sem nunca abdicar da clareza estrutural.

O violino, que estudou durante vários anos, era um dos seus instrumentos de eleição, tendo-lhe dedicado, além de várias obras de música de câmara, um total de três concertos. Nestes, aborda o instrumento com uma escrita exigente e conhecedora das suas possibilidades idiomáticas. O Concerto para violino e orquestra n.º 1 em Sol menor, op. 26, foi composto inicialmente em 1866 e objecto de uma audição pública preliminar a 24 de Abril desse ano, com Otto von Königslow no violino e o próprio Bruch na regência, após o que o compositor, insatisfeito com o resultado, trabalhou numa versão revista com a colaboração do célebre violinista Joseph Joachim. Esta versão definitiva, elaborada e concluída no ano seguinte, seria estreada em Bremen, com Joachim no papel solista, a 5 de Janeiro de 1868. Desde então, a obra tem sido invariavelmente aclamada pelo público, tornando-se mesmo um dos mais populares concertos para violino, em particular pelas suas melodias líricas que exploram com grande efeito praticamente todo o âmbito do instrumento. Entre as obras que Bruch terá tomado como modelo destaca-se o Concerto em Mi menor de Mendelssohn, referência que se torna evidente em certas opções, tais como a omissão da exposição orquestral, a ligação entre andamentos e alguns outros mecanismos estruturais.

O carácter inusitado do primeiro andamento reside no facto de ter sido concebido como uma espécie de prelúdio ao andamento central: este “Allegro moderato”, designado como “Vorspiel” (Prelúdio), chegou inicialmente a ser chamado “Introduzione-Fantasia”. Começa lentamente, com dois curtos momentos virtuosísticos do solista — variante mais sonhadora dos gestos iniciais do *Imperador* de Beethoven — que

Max Reger

BRAND (BAVIERA), 1873 – LEIPZIG, 1916

Prólogo sinfónico para uma tragédia, op. 108

apresentam uma breve exposição de forma sonata baseada em dois temas contrastantes, um mais vigoroso e outro mais melódico, alternando as passagens solísticas apaixonadas com intervenções orquestrais sólidas e por vezes inflamadas. Quando habitualmente se esperaria uma secção de desenvolvimento, o compositor recupera as duas cadências iniciais, agora mais virtuosísticas do que da primeira vez, para preparar a amena submersão no segundo andamento: enquanto o acorde final do *tutti* orquestral ainda ecoa, uma nota grave dos primeiros violinos prolonga-se para o “Adagio” que se segue, no qual reside o âmago emocional da obra. Os seus três temas líricos e arrebatadores, que contribuíram grandemente para a popularidade que o concerto alcançou, são explorados na constante interacção entre o solista e a orquestra.

Por fim, o espirituoso terceiro andamento, “Finale: Allegro energético”, inicia-se com uma serena introdução orquestral que dá lugar à apresentação pelo solista de um primeiro tema vigoroso em cordas duplas, à maneira de uma dança enérgica e brilhante, bem como de um segundo tema contrastante, de grande expressividade e algo mais solene, exemplo modelar do lirismo romântico. É no entanto o fogoso primeiro tema que predomina durante todo o *finale*, tanto nas intervenções do solista, como nas da orquestra, constituindo mesmo o material essencial de uma coda crepitante que, num intenso *accelerando*, encerra o concerto com grande fulgor.

Max Reger desenvolveu uma actividade multifacetada enquanto compositor, pedagogo, pianista, organista e director de orquestra, tendo-se destacado como um dos principais representantes da fase mais tardia da tradição musical germânica oitocentista. Cedo iniciou os seus estudos musicais, tendo tido a oportunidade de contactar durante vários anos com o célebre teórico Hugo Riemann, e alimentou depois a sua proximidade com vários dos músicos mais relevantes do seu tempo, chegando mesmo a disputar com Richard Strauss o estatuto de compositor mais interpretado na Alemanha. Quando em 1901 se estabeleceu em Munique, para leccionar órgão e composição, iniciou-se uma fase importante no seu percurso criativo, marcada pela construção de um estilo composicional arrojado, a vários níveis, que o identificou como um dos porta-estandartes da ala progressista da música alemã. E quando em 1907 se mudou para Leipzig, assumindo o posto de docente de composição no importante Conservatório dessa cidade, teve ensejo de aprofundar o seu interesse pela música de J. S. Bach, que vinha nutrindo desde há algum tempo, bem como de ampliar a sua actividade como director de orquestra. No cômputo geral, o seu vasto catálogo abarca — à excepção da ópera — praticamente todos os géneros e tipos de instrumentação correntes no seu tempo.

O *Prólogo sinfónico para uma tragédia*, op. 108, para orquestra, foi composto em 1908, justamente por altura do seu estabelecimento em Leipzig. Requer um efectivo gigantesco que inclui vários naipes expandidos, tal como

sucede com o conjunto de grandes obras orquestrais que produziu nessa fase da carreira — entre as quais se contam, por exemplo, a Sinfonietta em Lá (op. 90), a Serenata para orquestra (op. 95) e o Concerto para violino e orquestra (op. 101). A estreia teve lugar em Colónia, no dia 9 de Março de 1909, obtendo um sucesso assinalável, e a publicação seria assumida pela casa C. F. Peters, de Leipzig, ainda nesse ano, contendo dedicatória ao maestro Arthur Nikisch. Nesta peça, um pouco como no caso da *Abertura Trágica* de Brahms, que a precedeu em mais de vinte anos, a designação adoptada não implica propriamente a evocação por música de uma tragédia específica.

A estrutura da obra aproxima-se do modelo da forma sonata, apesar dos desvios que se verificam relativamente aos padrões mais usuais, que parecem decorrer da necessidade que o compositor tinha de solucionar os problemas ocasionados pelo modo como manipulava a tonalidade. Na introdução lenta, “Grave”, é possível ouvir uma ideia fundamental: um movimento ondulante logo continuado por um curto mas enfático gesto ascendente, que revelará estar na base de todo o material da peça. Suspensa na dominante de Lá menor — a tonalidade principal —, esta passagem dá lugar a um “Allegro agitato ma non troppo allegro”. O primeiro tema é enunciado numa secção tonalmente heterogénea e, após uma breve transição baseada em figurações agitadas, é apresentado um segundo tema, mais lírico e expressivo, que parte de Mi maior para logo atravessar outras regiões tonais. A ideia que marca a introdução é então claramente evocada, conduzindo ainda a um terceiro grupo temático, antes do encerramento da exposição. No desenvolvimento, o compositor elabora imaginativamente, com assinalável audácia harmónica, sobre todo o material

motivico apresentado na introdução e nos grupos temáticos da exposição precedente; até que regressa, mais exaltado do que antes, o tema que principia o “Allegro agitato”. É então lançada a reexposição que, como sucede em muitas outras obras de Reger deste período que adoptam a forma sonata como estrutura de referência, consiste essencialmente numa recapitulação bastante literal do conteúdo da exposição, o que funciona talvez como modo de compensar o ouvinte pela rapidez do ritmo harmónico que o compositor explora noutros momentos do discurso musical, com toda a estranheza e complexidade que os seus procedimentos envolvem, tanto em termos harmónicos, como na própria construção melódica.

LUÍS M. SANTOS, 2023

*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Evgeny Makhtin violino

Evgeny Makhtin nasceu em 1986, em Leninegrado, e pertence a uma sétima geração de violinistas. Mudou-se para os Países Baixos em 1992. Estudou na Codarts Hogeschool voor de Kunsten de Roterdão, nas classes de Misha Furman e Zino Vinnikov (2004-2008); e na Royal Academy of Music de Londres, na classe de Igor Petrushevski (2008-2010). É laureado de diversos concursos nacionais e internacionais. Frequentou masterclasses dadas por Herman Krebbers, Josef Kopelman, Thomas Brandis e Pavel Vernikov.

Trabalhou como concertino principal e concertino assistente na Royal Opera House, na Filarmónica de Roterdão, na Sinfónica de Antuérpia, no Teatro de Lübeck, no Teatro Estatal de Saarland, na Orchestre d'Auvergne e na Orquestra Nacional Basca, sendo neste momento o concertino da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

O seu gosto especial pela música de câmara levou-o a participar nos festivais La folle journée de Nantes, Idyllwild Music Summer Festival e Winteravonden aan de Amstel.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Emanuel Salvador*
Radu Ungureanu
José Despujols
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Andras Burai
Alan Guimarães
Pedro Carvalho*
Joana Machado*
Raquel Santos*
Tiago Moreira*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Pedro Rocha
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Matilda Mensink*
José Pedro Rocha*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Carlos Monteiro*
Alexandre Aguiar*
Cristiana Barreiro*
Rita Costa*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Beatriz Figueiredo*
Michal Kiska
João Cunha
Aaron Choi
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Pedro Carvalho*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Filipa Vinhas*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Rodrigo Carreira*

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Mário Machado*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Bruno Mendes

Palco

Alfredo Braga

Assistência de cena

Amaro Casto

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

